

***A Caverna de Deus*, de Fernando Esteves Pinto**

Apesar de a minha paixão literária recair sobre autores que nunca conheci (e que, na sua maioria, desapareceram há muitos séculos), gosto sempre de saber o que escrevem as pessoas que conheço. Foi, pois, com vontade que comprei e li este *A Caverna de Deus* (edição Book Builders) de Fernando Esteves Pinto, que lhe valeu o Prémio Literário Cidade de Almada 2016. Não é um livro revelação, não, pois o autor já publica há muitos anos (romance, poesia, conto, ensaio). Nem sequer um primeiro prémio, pois em 1990 recebeu o Prémio Inasset Revelação de Poesia, do Centro Nacional de Cultura, e em 1998 obteve uma bolsa de criação literária de um programa, entretanto extinto, do Ministério da Cultura, do qual resultou o romance *Conversas Terminais*. Este é um livro que não me surpreenda que se tenha destacado perante o júri: é um livro maduro, reflexivo, que sabe dosear a ternura e a crueza das cenas e dos temas.

«O perigo do passado é negar a vida na sua relação com o presente»

Há livros sobre os quais não se pode dizer qual é a história. E a história que dissermos que conta, provavelmente, é apenas a nossa história, pois fazemos, necessariamente, uma seleção. E o que selecionamos hoje não será igual ao que selecionaríamos amanhã, porque a nossa história também vai mudando.

Li este livro há cerca de um mês, pelo que o que hoje escrevo já é o resultado de um tempo que passou por mim e em que fiquei a pensar nele, no que li e no que mexeu comigo.

Ficou-me na memória um livro de confissões: as do narrador e as de Constança, pelas quais passam muitas outras personagens que fizeram parte das suas vidas (Cecília, Harry, Céu, Vicente, Luciano...). Constança, a mulher que conta a sua vida numa viagem de comboio (que «Era o fim de todas as viagens para Constança», p. 216) e num livro chamado *Identidade*, que o narrador vai lendo e partilhando connosco algumas partes. Constança, que viveu intensamente uma relação de extremos, radical. Como ela diz, «carreguei a mala pesada com uma paixão inútil. Fui aos limites da minha resistência e da minha humilhação. O meu maior terror era não saber interpretar a verdade fundamental que as cenas ardilosas do Luciano pretendiam expressar» (p.159). O narrador adianta que ela teve «a sua sensibilidade exposta durante catorze anos à loucura de um homem que sempre a desejou para dar forma às suas experiências artísticas, implicando-a nas mais escandalosas acções» (p.160). Constança, que fala dos pais, principalmente do pai e do irmão, e de como sabe que transporta «um monte de cacos passíveis de imperfeições (...) que só contribuem para te esvaziar e agravar o processo de autodestruição» (pp.72-73).

Temos as confissões do narrador, nas várias fases da vida, da infância à idade adulta. Da infância, entre outras, recorda aquela vez em que cortou os sapatos de outro menino que o humilhara. O pai dissera-lhe: «Isso é vingança, filho. Mostraste perante todos eles a tua fraqueza». Mas, depois de distinguir remorso de arrependimento («O remorso é a culpa interior, não é visível ao julgamento de ninguém senão à nossa própria consciência, enquanto o arrependimento procura testemunhar publicamente a desordem que sentimos.», p.45), conclui: «Na verdade, ainda hoje não consigo sentir remorsos por ter cortado com o meu canivete o sapato do rapaz, mas arrependo-me de não ter cortado os dois» (p.46). A entrar na adolescência, sente atração por uma tia ainda jovem, acabada de enviuar. A circunstância parece bizarra, assim contada, mas a literatura tem as suas artes: «Eis a desfiguração do real, o modo absurdo e cínico e desvairado como o nosso comportamento renuncia à normalidade e persiste em provocar situações consideradas intoleráveis. Mesmo que sejamos capazes de refrear os nossos ímpetos e as acções resultem apenas no interior do nosso pensamento, persuasivas e empenhadas em influenciar o comportamento dos outros, torna-se evidente para nós que a realidade também existe na intenção hedionda como a sentimos e a projectamos» (p. 104).

«há realidades pouco racionais que indisciplinam o sentido da vida»

Há outras mulheres e outras situações que o narrador vive enquanto jovem (um jogo de sedução com uma professora) e adulto: mulheres que pintou e que amou (coincidentes ou não), mas a mulher que mais impressiona é a mãe: Se, por um lado, ela é o pilar («com ela, sentia-me aliviado e protegido, como se tivesse caído do ninho e esse mesmo ninho me amparasse na queda. Ela era dotada de um ventre universal que acolhia todos os meus erros. (...) a minha mãe era como a água que encontra sempre o seu caminho, e em parte o meu – contornando as dificuldades que aparecem e abrindo fendas na vida infeliz –, por mais horríveis que fossem os obstáculos que ela encontrasse pela frente» p. 85), por outro, a doença transforma-a. Mesmo quem nunca acompanhou um doente terminal consegue entender os sentimentos de que aqui se fala: «E então deu-se a transformação. Uma transformação bruta da sua vida humana. A mulher sensata, de fraca natureza agressiva, crente e deslumbrada perante trivialidades quotidianas, rendera-se para dar lugar à expansão da morte, tornando-se numa criatura dantesca» (p. 152).

«Mas quero que me percebam»

Estas palavras (ditas na p.42) resumem um pouco este livro. O narrador vai interpelando o leitor, como se estivéssemos juntos a conversar, imaginando objeções da nossa parte («Eu sei, sei que», p.16, ou «Podem pensar que», p.17) ao que vai ser narrado: *A Caverna de Deus*, esse

«espetáculo imoral, a destruição de uma vida, a exibição do grotesco», segundo Constança, ou a «interioridade? Seria um refúgio? Uma espécie de clausura existencial?», segundo as interrogações do narrador (p. 124).

Este livro desafia-nos com as suas considerações sobre a vida nas suas mais diversas expressões, como a arte, o sexo, o amor, a ternura, a revolta, a aceitação, os limites, «não aceitando qualquer pacto com o destino» (p.214). Dará, certamente, assunto para várias discussões sobre o que percebemos.